



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Comunicações em Eventos - MAC

2016-10

Das pequenas violências: Um ensaio sobre história e arte

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/51105>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

DAS “PEQUENAS” VIOLÊNCIAS

UM ENSAIO SOBRE HISTÓRIA E ARTE

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA



CIANTEC '16

A FORÇA DO TERROR
COMO INSPIRAÇÃO CRIATIVA:
FILHOS DO COTIDIANO CONTEMPORÂNEO

12-14
OUT

CAPA

FICHA CATALOGRÁFICA

SUMÁRIO

« ANTERIOR | PRÓXIMA »

As pequenas violências salvam-nos das grandes.¹

Das lutas dos povos antigos às guerras mundiais, o testemunho histórico inscreveu grandes violências com vítimas e algozes quase sempre anônimos. Por muito tempo, os processos narrativos não individualizaram as dores, os sentimentos e os afetos. Porém, a partir do final dos anos de 1980, a história iniciou uma reflexão sobre sua escrita e sobre o quê deveria ser registrado. Acontecimentos, como a queda do muro de Berlim, o fim da bipolaridade entre URSS e EUA (socialismo versus capitalismo), a implosão da URSS, a globalização, os avanços tecnológicos e os diversos conflitos étnico-religiosos espalhados pelo mundo provocaram urgente revisão sobre o anonimato da violência.

Isto mesmo, nas últimas décadas do século XX, essa reavaliação compreendeu que a racionalidade histórica e as grandes narrativas não davam conta de atender a diversidade de vozes que irrompiam da cena privada para a pública. Etnias, grupos sexuais e religiosos, negros, mulheres e diversas outras “minorias” ganharam protagonismo – não que nunca tivessem existido até aquele momento, mas seus nomes emergiram dos esmaecidos conceitos modernos que homogeneizavam todos sob as categorias de povo, de nação e de população. Essas “minorias” aderiram a movimentos sociais insurgentes que corroboravam ainda mais para o declínio final das metanarrativas.²

1 Clarice Lispector, Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres, 1969. Na crônica, a escritora enfatiza o diálogo entre duas personagens. Nela, a discussão sobre o hábito de comer galinha ao molho pardo, visto como uma pequena violência que poderia redimir-nos das grandes barbáries. Mas, será que as “pequenas” violências nos salvam mesmo?

2 No contexto do presente ensaio, adota-se “minorias” como sendo grupos marginalizados devido aos aspectos econômicos, sociais, culturais, físicos ou religiosos. Está entre aspas porque muitas vezes esses grupos são parte majoritária de uma determinada sociedade.

3 Jean-François Lyotard considera que a metanarrativa é um discurso que, a partir da elaboração de um telos definido sobre o curso da história, engendra relações lógicas entre a pesquisa, a filosofia, a política e a arte, conferindo a essas esferas um sentido unificado.

Em decorrência do desmoronamento das metanarrativas, alguns estudiosos pregaram o “fim da história” ou o “fim da arte”. Hans Belting, por exemplo, não propôs o fim da arte, nem da história da arte como uma disciplina, mas apresentou fatores que marcaram o esgotamento cultural e epistemológico da tentativa eurocêntrica de enquadrá-las: o autor reconhece que realmente fracassou o esforço estruturante de dar à arte e à história coerência e validade pretensamente universal. Concatenado às ideias de Belting, Arthur Danto viu o fim da arte não como o fim das obras de arte, mas como o término de um tipo de produção que estava integrada a uma narrativa pautada pelas noções de estilos, escolas e movimentos. Acima de tudo, nessa narrativa tradicional, existiria uma trajetória evolutiva na qual cada fazer artístico superaria o anterior, sendo assim, a compreensão da trajetória linear seria o instrumental imprescindível para avaliar qualquer obra de arte. Tudo isto caiu por terra, quando os fatos históricos e a própria arte se rebelaram contra esse sistema evolutivo.

Ainda no âmbito dessa perspectiva aberta pelo fim das metanarrativas, o Estado foi incapaz de manter o monopólio da violência. O terrorismo, por exemplo, aflorou como uma das respostas ao questionamento do status quo e à crise dos partidos políticos centrados em ideologias de esquerda ou de direita. Na verdade, o terrorismo, bem como todas as reivindicações das “minorias” são fragmentos de história que – muitas vezes contraditórios entre si – foram ignorados pelas grandes narrativas. O não reconhecimento dessas histórias ecoa nos conflitos que estavam abafados à época por grandes forças coercitivas e poderosas.

Em outras palavras, as metanarrativas são esquemas retórico-narrativos que, ao longo de sequências temporais ou argumentativas, encadeiam os fenômenos históricos a fim de buscar um telos previamente determinado. Assim, no entender de Lyotard, o iluminismo, o idealismo e o marxismo seriam grandes exemplos de metanarrativas. LYOTARD, Jean-François. A Condição Pós-Moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CIANTEC '16

A FORÇA DO TERROR
COMO INSPIRAÇÃO CRIATIVA:

FILHOS DO COTIDIANO CONTEMPORÂNEO

12-14
OUT

Quando essas forças foram diluídas, o exercício do poder passou a estar em toda parte e a ser questionado mais e mais; onde há poder não pode existir afeto, somente a coerção e a violência subsistem. Se até os anos de 1970 o inimigo era supostamente visível, no fim dos anos de 1990 ele era onipresente. O poder e a violência estavam infiltrados no dia-a-dia. Saiu-se da esfera Política para as chamadas micropolíticas, ou seja, a preocupação com os fenômenos de controle de poder entre indivíduos, grupos e organizações tomou espaço no convívio diário.

Hoje, passados cerca de 40 anos da queda do discurso das metanarrativas e adjacente às revisões historiográficas e epistemológicas, artistas conectaram-se com o exercício da micropolítica, isto é, com aquelas reivindicações que tratam sobre as questões sociais, de gênero, do corpo, da sexualidade e das instituições que detém algum tipo de poder (família, escola, igreja, e todo e qualquer domínio dos saberes). Nessas circunstâncias, as “pequenas” violências que atingem o indivíduo contemporâneo são tão ou mais importantes do que as grandes pautas que movem o cenário político internacional: vítimas e algozes quase sempre têm nomes e estão muito próximos.

CAPA

As “pequenas” violências surgem aqui entre aspas porque estão longe de serem diminutas. Elas são ocultas, constantes e envernizadas por uma camada de impessoalidade; acontecem no cotidiano contemporâneo e muitas vezes as vítimas não as compreendem como tal. Nesse sentido, o velado é mais difícil de ser combatido.

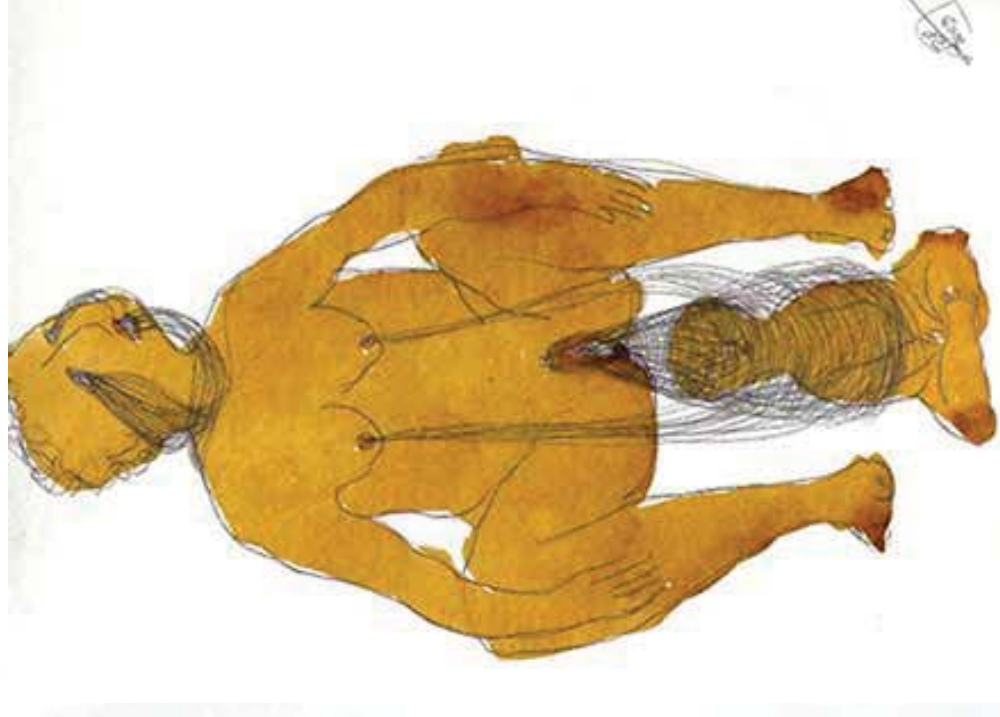
FICHA CATALOGRÁFICA

SUMÁRIO

A resistência, a denúncia, o discernimento e a atitude se fazem necessárias. As poéticas visuais podem ser o meio catártico para as transformações efetivas desta realidade. Assim, as “pequenas” violências muitas vezes motivam e permeiam os discursos de mul-

« ANTERIOR | PRÓXIMA »

tos artistas contemporâneos sensíveis às injustiças e à condição marginalizada de diversas “minorias”.



ROSANA PAULINO, DESENHO DA SÉRIE AMA DE LEITE, 2005, ACRÍLICA E GRAFITE SOBRE PAPEL, 32,5x25 CM

Rosana Paulino, por exemplo, expõe a face mais medonha do pre-

CIANTEC '16

A FORÇA DO TERROR
COMO INSPIRAÇÃO CRIATIVA:

FILHOS DO COTIDIANO CONTEMPORÂNEO

12-14
OUT

conceito racial, social e de gênero. A grande mídia e os padrões estipulados pela sociedade de consumo são dois outros inimigos combatidos pela intimidade e pelo afeto impressos na poética da artista. Na série *Arapucas*, 2007, a crítica está na exigência de status excessivo (no “ter” ser maior do que o “ser”). A situação da mulher, especialmente a mulher negra integra as preocupações de Rosana; o padrão de corpo perfeito e inatingível estipulado pela moda, somada à ambiguidade histórico-social das amas de leite na história colonial contam sobre a violência do preconceito enraizado na cultura brasileira.

Ainda sobre as “pequenas” violências que atingem a condição feminina, Beth Moysés desconstrói o vestido de noiva: o relacionamento homem/mulher e a violência doméstica são trabalhados na sua dimensão política e libertadora. A artista dialoga com o universo feminino há mais de 20 anos. Suas performances e vídeos tocam profundamente as dores e as cicatrizes que ficam pelas agressões sofridas, despertando aspirações futuras. A performance *Memória e Afeto*, realizada no dia 25 de novembro de 2000 – dia internacional contra a violência da mulher – é um marco na trajetória da artista. Na ação performática, cerca de 150 mulheres vestidas de noivas andaram em cortejo pelas ruas da cidade de São Paulo. Depois dessa primeira experiência, a artista desdobrou o evento em muitos outros e em diversas cidades latino-americanas e europeias. A denúncia das performances também é redentora, uma vez que algumas participantes se conscientizam dos abusos sofridos e buscam libertar-se dos seus agressores.

CAPA

FICHA CATALOGRÁFICA

SUMÁRIO

« ANTERIOR | PRÓXIMA »



BETH MOYSÉS, MEMÓRIA DO AFETO. PERFORMANCE REALIZADA NA CIDADE DE SÃO PAULO, BRASIL. 25 DE NOVEMBRO DE 2000. FOTOGRAFIA DE PATRÍCIA GATO.

Já Marcela Tiboni traz a materialidade da violência representada pelas armas. A instalação *Arsenal*, 2014, é composta por artefatos feitos de madeira e fogos de artifícios. Apesar dos protótipos não terem balas ou gatilhos, eles estão munidos de pólvora e preservam a potencialidade do disparo. Metralhadoras, revólveres e outras diferentes armas estão ali acessíveis ao público. Isto porque a ideia é que o espectador passe seus limites e manuseie as armas. Nessa relação íntima, as armas remetem às sensações, reações e memórias, tanto em sua extensão de coação e violência, quanto em seu desejo de possuir um objeto cuja potência escapa ao controle. A natureza do sentimento que uma arma engatilhada dá ao seu detentor torna-se o grande questionamento da artista: quais são suas reações frente ao poder que uma arma lhe atribui?

No fundo, a ação de manipular as armas pode despertar para a reflexão sobre si e sobre o “outro” – alvo de sua ameaça.



MARCELA TIBONI, ARSENAL, 2014, ARTEFATOS FEITOS DE MADEIRA E FOGOS DE ARTIFÍCIOS.

Perita criminal do Centro de Perícias Científicas do Estado do Pará, Berna Reale têm a violência como o elemento central de suas performances, vídeos e registros. Na maioria de suas postas, Berna envolve seu próprio corpo ou ainda conta com a participação daqueles que querem debater a situação sociopolítica contemporânea. Rosa Púrpura, 2014, é um dos projetos de Berna mais impressionantes. Composto por vídeo, cartazes espalhados na cidade de São Paulo e performances pelas ruas de Belém – cidade onde a artista vive e trabalha –, o projeto mostra mulheres vestidas de uniforme escolar, típicos de colégios tradicionais, com camisa de botão e saia de pregas, tudo em branco e cor-de-rosa. Contudo, todas têm na boca uma prótese que remete às bonecas

infláveis, aludindo à objetificação destas mulheres. No escopo do projeto, existe ainda um site em que são publicados depoimentos de mulheres que sofreram violência sexual.



BERNA REALE, ROSA PÚRPURA, 2014 (PROJETO QUE ENVOLVEU PERFORMANCE, VIDEO, CARTAZES E SITE)

As três artistas abordadas até o momento denunciaram, despertaram para a reflexão e impulsionaram para o combate das “pequenas” violências, especialmente àqueles dirigidas às mulheres, ao preconceito, à conduta sexual e social.

Paralelamente, Ana Teixeira, na ação Dar-se como coisa que ouve: afetos de sonoridade na obra escuto histórias de amor, realizada entre os anos de 2005 e 2012, coloca total potência na atitude. A artista sentou-se em uma cadeira nas ruas de diferentes cidades com uma cadeira vazia ao seu lado e uma placa que dizia “Escuto histórias de amor”. Para a artista não era o registro ou a coleta de histórias, o foco era escutar ao outro; o doar-se por um tempo e ser ouvinte. No cerne da ação, o respeito às histórias dos outros, de certa forma, denunciando por sua atitude reversa o quando o ignorar o outro é comum e torna-se uma “pequena” violência.

CAPA

FICHA CATALOGRÁFICA

SUMÁRIO

« ANTERIOR | PRÓXIMA »

CIANTEC '16
A FORÇA DO TERROR
COMO INSPIRAÇÃO CRIATIVA:
FILHOS DO COTIDIANO CONTEMPORÂNEO

12-14
OUT



ANA TEIXEIRA DAR-SE COMO COISA QUE OUVI: AFETOS DE SONORIDADE NA OBRA ESCUTO HISTÓRIAS DE AMOR, REALIZADA ENTRE OS ANOS DE 2005 E 2012.

Por fim, as poéticas de Rosana Paulino, Beth Moisés, Marcela Tiboni, Berna Reale e Ana Teixeira permitem pontuações sobre o exercício do poder e da violência, além de proporcionarem a leitura de um cenário pós-metanarrativas centrado na dimensão do íntimo, do pessoal; onde vítimas e algozes são próximos e transmutam-se; onde as “pequenas” violências minam as potencialidades dos indivíduos e grupos sociais. Elas não nos salvam! Elas podem ser inspiração, meio e discurso do fazer artístico, mas mesmo sendo veladas são combatidas. Essas artistas respondem às demandas de seu tempo; exercem a crítica no nível das micropolíticas. Cabe a arte sempre nutrir a potência de transformação, assim como sempre existirá o forte propósito de buscar relações entre poéticas e contexto social, inscrevendo uma nova história.

CAPA

FICHA CATALOGRÁFICA

SUMÁRIO

« ANTERIOR | PRÓXIMA »

Referências

BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. Tradução Rodinei Nascimento, São Paulo: Cosac & Naify, 2006, 320p.

DANTO, Arthur. Após o Fim da Arte. A Arte Contemporânea e os Limites da História. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

LYOTARD, Jean-François. A Condição Pós-Moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.